

O fascínio pela vida

Todos os meses, em decorrência de algumas das doenças tropicais esquecidas desta região, encontramos pessoas que reencarnam em animais nesta imensa Amazônia, por acreditarem que quando o corpo morre, assume a forma de um animal sagrado para permanecer presente em suas comunidades, essa crença é mantida sobretudo em áreas rurais isoladas gravemente afetadas por essas patologias.

Mas apesar do sofrimento causado por serem portadores de qualquer uma dessas doenças, eles continuam fascinados pelas suas vidas; e o manifestam diariamente, quando apelam às suas crenças agradecendo a possibilidade de seguir em frente apesar de tantos contratempos, para quem vem de fora nem sempre é fácil compreendê-los, principalmente pela nossa rebeldia contra o que consideramos injusto, porque aqui adoecer é condição da sua cidadania, seja pela falta de diagnóstico a tempo ou pela escassa atenção social a quem mora nesta região ribeirinha. Mas, como dizia, seu amor pela vida é tal que os torna resistentes a quase tudo sem quase nada. Pudemos verificar essa capacidade de resiliência mais uma vez, há pouco tempo, quando descobrimos a Janaína com seus sinais vitais muito precários e que soube resistir quase duas semanas até trazê-la para a cidade, graças ao seu fascínio pela vida, e a uma pequena incubadora de isopor conectada a lanternas a manivela e ao sussurro cúmplice de seus pais adolescentes para fazê-la resistir.

A cada duas horas nos revezamos para que essas lanternas não parassem de emitir calor e com o passar dos dias; nossos pensamentos se cruzaram com os de sua família com gestos de confiança, pois sabíamos que, apesar da seus poucos meses de vida, seu olhar pedia para seguir em frente. No final conseguimos chegar um pouco exaustos, mas com a convicção de que todos havíamos conseguido manter os sinais vitais da nossa pequena Janaína.

Talvez como nos disse uma pessoa ao ver-nos chegar: “tudo foi possível pela vosa loucura de gente periférica que não desiste, enfrentando o desafio de fazer o impossível num contexto permanente desafiador e realista.

Como equipe de profissionais de saúde, nos perguntamos: por quanto tempo testemunharemos essa vulnerabilidade humana? A resposta de quem nos hospeda nas suas comunidades é que a natureza decide e continuamos a insistir com a nossa prática de trabalho que nestas comunidades é possível evoluir, para uma situação em que os parasitas, bactérias ou vírus não estejam presentes nas suas vidas de forma sistemática.

Às vezes é difícil compreender o determinismo que norteia suas vidas, pois são guiados sobretudo pela influência de uma floresta que, sendo, por vezes, muito virulenta os protege; e que dota os seus habitantes de uma diversidade de saberes importantes e esse saber particular pode ser a razão de serem capazes de resistir apesar da enorme fragilidade que apresentam, frente a uma natureza sempre poderosa e imponente. Talvez seja justamente essa vulnerabilidade que os motiva a serem serenos, diante de tantos altos e baixos na vida, uma vida, aquela dessas pessoas, que, como dizia Nazinha -a xamã do igarapé de águas pretas- “se estamos entusiasmados com cada momento da nossa vida, vamos encontrar o sentido de tudo o que criamos”.

Tony López

Coordenadora de Saúde do Programa Escolas de Saúde. Escolas de vida ACI-ESADTE

Coordenadora internacional do Programa Ipiranga Hanseníase Rio Purus-Amazonas Brasil

